



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Ewerton Amado de Souza

SUBJETIVIDADE DOS JOVENS: por que agem como agem?

Rio de Janeiro

2024

Ewerton Amado de Souza

SUBJETIVIDADE DOS JOVENS: por que agem como agem?

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Ariadna Patrícia Estevez Alvarez

Rio de Janeiro

2024

Ewerton Amado de Souza

SUBJETIVIDADE DOS JOVENS: por que agem como agem?

Projeto de Monografia apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

**Ariadna Patrícia Estevez Alvarez
EPSJV/FIOCRUZ**

**Marcus Pedroza
EPSJV/FIOCRUZ**

**Denis Petuco
EPSJV/FIOCRUZ**

Rio de Janeiro

2024

Dedico esse trabalho aos jovens, que diante da vastidão do universo se sentem perdidos, mas que vão se encontrando dia após dia, vivendo e se conhecendo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me iluminar e dá forças para concluir essa monografia, a minha orientadora muito especial, Ariadna Patrícia Estevez Alvarez, que me ajudou e deu suporte, iluminando meu caminho para que essa jornada possa ser concluída, doando seu tempo para que meu projeto esteja perfeito, aos Dennis Petuco e ao Marcus Pedroza que me disponibilizaram alguns materiais de grande ajuda para a pesquisa.

Agradeço aos professores, funcionários de todos os setores, que fizeram parte da minha jornada na escola, agradeço aos meus amigos de classe e da escola, em especial: Alexandre, Sophia, Leonardo, Mariana, Roberta e Guinever, que foram suportes essenciais para manter a cabeça erguida e para continuar com a confiança para escrever, agradeço aos meus pais que sempre estão comigo, dando amor e sendo minha rocha, e ao Gilberto Estrela que esteve desde o 1ºano junto com a gente, muito feliz por ter tido como professor.

Agradeço a mim, por mesmo estando perdido, às vezes sem confiança para escrever e querer abandonar, eu me mantive firme, passando por cima das dificuldades e não desistindo, podendo terminar esse projeto, e que agradeço a todos que irão ler e que possa se sentir felizes com a leitura.

*Eu sou uma subjetividade, mas não sei o que sou a
não ser naquilo que faço
Porque quando faço algo, eu me “re-conheço”, isto
é, eu conheço a mim mesmo de novo.*

(Mario Sérgio Cortella)

RESUMO

Este projeto tem como objetivo investigar a subjetividade dos jovens de ambos os sexos e entender o por que agem como agem. A complexidade da subjetividade dos jovens é influenciada por vários fatores, como familiares, sociais e digitais. A metodologia utilizada inclui abordagens qualitativas e bibliográficas para analisar identidade, conflitos e propósitos de vida. O estudo visa investigar como as subjetividades dos jovens se moldam e qual a sua relação com a identidade pessoal, além de abordar os desafios da sociedade atual que os jovens enfrentam. Tal pesquisa poderá ser uma ferramenta para reflexão de pais, educadores e contribuir com as políticas públicas.

Palavras-chave: Identidade. Influência social. Busca de propósito. Jovens. Subjetividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.2 OBJETIVOS.....	11
1.5 JUSTIFICATIVA.....	12
1.6 METODOLOGIA.....	13
2. CAPÍTULO 1: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOS JOVENS.....	14
2.1 INTRODUÇÃO À SUBJETIVIDADE.....	14
2.2 IDENTIDADE E AUTENTICIDADE.....	15
2.3 LIBERDADE E ESCOLHA.....	17
2.4 ÉTICA E VALORES PESSOAIS.....	18
3. CAPÍTULO 2: EXPLORANDO A SUBJETIVIDADE DOS JOVENS.....	20
3.1 SUPERANDO O ABSURDO.....	20
3.2 ENCONTRO COM O PROPÓSITO.....	21
3.3 PROCESSOS DE SUBJETIVIDADE DOS JOVENS E SINGULARIDADE.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
5. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

A juventude é uma fase cheia de desafios e mudanças, tanto individuais, quanto sociais. No entanto, esse período reflete um momento em que os jovens se encontram realizando autodescobertas, explorando novas possibilidades e pressões externas. Nesse contexto, entender como se constrói a subjetividade dos jovens se torna essencial para entender como se portam, em suas escolhas e atitudes.

Subjetividade é entendida em seu caráter processual, dinâmico, complexo. Não é a experiência individual e única de cada pessoa, mas inclui também a percepção própria, emoções, valores, crenças e o modo que se interpreta o mundo ao redor. Trata-se de um processo complexo e dinâmico, influenciado por uma variedade de fatores, desde aspectos individuais até influências sociais e culturais; é a subjetividade que torna seres humanos singulares e os diferencia uns dos outros (ROLNIK, 2006).

No contexto individual, a formação de identidade para uma pessoa tem um papel necessário na construção da subjetividade dos jovens. Durante esse momento da vida, eles estão descobrindo sua própria identidade, buscando entender seus interesses, suas habilidades, preferências e sonhos. Contudo estão lidando simultaneamente com os desafios da insegurança, enfrentando questões de auto aceitação, autoimagem e autoestima.

A influência social também desempenha um papel expressivo na construção da subjetividade. Família, amigos, escola, comunidade, religião e a sociedade exercem um papel considerável. Podendo ser positiva, como fornecer apoio, modelos e exemplos de comportamento saudáveis e oportunidade de se desenvolver. No entanto, podem ser negativas, com opressão de expectativas irrealistas impostas, pressões sociais e estereótipos prejudiciais. Um ambiente social pode influenciar em como o jovem se enxerga, se encaixa em determinados grupos sociais e lidam com seus desafios e adversidades.

O mundo digital exerce também um papel relevante na formação da subjetividade dos jovens, principalmente pela exposição frequente nas redes sociais. A forma como os jovens percebem a si mesmos e sua autoestima sofrem forte influência do anseio por corresponder aos padrões estéticos impostos, da tendência à incessante comparação social nas plataformas virtuais e da crescente dependência em obter aprovação online.

Diante dessas influências, é frequente a ocorrência de dificuldades em relação a encontrar seu lugar no mundo, desenvolver um senso de propósito e lidar com questões como ansiedade, depressão e baixa autoestima. Assim sendo, entender a subjetividade dos jovens se torna fundamental na identificação de seus desafios particulares e nas possibilidades de suporte existentes.

É na época da juventude que muitos sentem necessidade de dar sentido à vida e buscar uma motivação ou fonte de inspiração. Vivemos atualmente em uma sociedade extremamente complexa onde são impostos diversos obstáculos nos âmbitos socioeconômico, político e ambiental. Diante disso tudo, os jovens inevitavelmente sofrem com a pressão de tomar decisões relevantes relacionadas ao rumo de suas vidas bem como o desejo latente em contribuir positivamente com a comunidade. A invenção de propósito é afetada tanto pelos aspectos individuais quanto pelos sociais; a personalidade, os valores pessoais, as influências familiares, a educação e o contexto cultural têm uma grande influência nesse processo.

Compreender as diferentes dimensões que compõem a subjetividade dos jovens, como a formação da identidade pessoal, a influência social e a busca de propósito, é essencial para uma análise aprofundada dos aspectos que influenciam suas ações, comportamentos e escolhas.

A partir da pergunta "por que agem como agem?" em relação à juventude, podemos compreender melhor os motivos por trás dos comportamentos dos jovens. Essa reflexão nos permite identificar as razões que levam a determinadas atitudes e como elas refletem suas necessidades individuais e influências sociais, explorando seus interesses que são influenciados por fatores como personalidade, histórico familiar, experiência de vida e de como nos enxergamos pode influenciar nossos comportamentos e a nossa vida.

A subjetividade dos jovens e seus comportamentos são temas complexos e fascinantes que demandam uma análise aprofundada. Ao observarmos reflexões, somos convidados a explorar as razões subjacentes às ações dos jovens e compreender o impacto dessas escolhas em suas vidas.

No intuito de descobrir não somente as questões individuais que os motivam, como também as influências sociais e culturais que moldam suas atitudes e comportamentos. Com base em uma pesquisa que contempla abordagens disciplinares diversas, propõe-se um estudo para investigar as nuances da juventude contemporânea. Serão explorados não só os estudos de suas vivências cotidianas como também seus anseios e dificuldades na jornada rumo à autodescoberta.

1.2 OBJETIVOS

1.3. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é compreender a subjetividade dos jovens. Conhecer as motivações dos jovens, propondo-se a aprofundar a compreensão de suas atitudes, comportamentos e escolhas no contexto contemporâneo.

1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para complementar este objetivo geral, são definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar os principais componentes que moldam a subjetividade dos jovens nos estudos revisados e a percepção que eles têm de si mesmos, juntamente com suas crenças, valores e emoções. Além disso, os significados que atribuem ao seu entorno também desempenham um papel significativo no seu desenvolvimento;
2. Descrever obstáculos e tensões enfrentados por jovens nos estudos revisados que procuram sua identidade pessoal e desenvolver uma autoimagem positiva, considerando fatores individuais e sociais, que incluem relacionamentos familiares, amigos, escolares e influência sempre presente nas mídias sociais nos estudos revisados;
3. Compreender como se relaciona a formação da identidade pessoal, a influência social e a busca de propósito nos jovens nos estudos revisados e analisar, buscando entender como as suas escolhas e ações são afetadas. Identificar elementos que possam auxiliar na criação de ambientes mais inclusivos e acolhedores para os jovens.

1.5 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema “subjetividade dos jovens: "por que agem como agem?", é baseado no mundo atualmente e anteriormente também, onde a juventude apresenta uma complexidade e um sentimento de desorientação. Com esta pesquisa, desejo ajudá-los e a mim, a obterem um melhor conhecimento sobre si próprios.

A relevância social do problema a ser investigado é que acontecem múltiplas transformações e dificuldades significativas que influenciam diretamente tanto o desenvolvimento pessoal quanto as relações sociais. Em seu caminho para a maturidade, os jovens atravessam uma etapa repleta de mudanças onde buscam entender quem são realmente. Nesse processo desafiador, receberão influências do mundo exterior que poderão impactar diretamente na maneira como enxergarem suas próprias imagens além é claro dos questionamentos sobre seus valores internos assim como na procura incessante por algo que lhes dê significado à vida. Para fornecer apoio e orientação adequados, é fundamental compreender suas experiências, dificuldades e aspirações.

Além disso, há o potencial desta pesquisa fazer contribuições substanciais. Para pais, educadores, profissionais de saúde mental e formuladores de políticas públicas é importante abordar as complexidades da subjetividade dos jovens com o intuito de oferecer conhecimentos valiosos. Há a possibilidade de se alcançar uma maior compreensão sobre as necessidades dos jovens, além da criação de programas e políticas mais efetivos para tratar assuntos como a mente saudável-educação-vocação. Apesar da existência de várias áreas sobre a juventude, este projeto busca explorar aspectos particulares ligados aos sentimentos e percepções dos jovens sobre eles mesmos num contexto de constantes transformações.

Igualmente, o estudo procura gerar uma perspectiva capaz de fundamentar sugestões para transformações dentro do contexto exposto pelo assunto. Através do entendimento aprofundado da subjetividade dos jovens, é possível auxiliar na criação de espaços confortáveis que ofereçam suporte ao crescimento pessoal desses indivíduos, permitindo-lhes explorar seu potencial em maneiras saudáveis e impactantes. Acontecimentos desse tipo podem trazer benefícios tanto para o nível individual quanto para a sociedade de forma geral. E pesquisando sobre o assunto, espero também me ajudar quanto a conhecer minha subjetividade.

1.6 METODOLOGIA

Esse projeto tem abordagem qualitativa. A pesquisa visa compreender a subjetividade dos jovens. Sendo uma pesquisa bibliográfica, que envolveu a análise de livros, artigos científicos e outros documentos relevantes que visam analisar uma variedade de materiais a partir do século XXI e tópicos para entender por completo determinado assunto.

A pesquisa bibliográfica envolveu a busca em bases acadêmicas como Lilacs, Scielo, bibliotecas e outras fontes acadêmicas, usando os descritores “Identidade”. Influência social. Busca de propósito. Jovens. Subjetividade.”

2. CAPÍTULO 1: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOS JOVENS

2.1 INTRODUÇÃO À SUBJETIVIDADE

Compreender a subjetividade dos jovens é essencial para descobrir os diversos mecanismos que moldam as suas identidades, escolhas e comportamentos. Ao estudar a subjetividade dos jovens, exploramos um território onde se estabelecem as experiências individuais, influências sociais e as construções sociais. Onde no contexto contemporâneo, que vivemos em uma época de rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas, impactando muito fortemente na formação da identidade juvenil, questões como identidade, liberdade e ética estão no centro dessas mudanças.

Entender como os jovens constroem suas subjetividades é fundamental para acompanhar e interpretar essas transformações, existindo uma série de elementos complexos e interconectados como: experiências pessoais, relações interpessoais até as influências culturais e pressões sociais, fatores que contribuem para construir identidade e a subjetividade.

Ao analisar esses aspectos, descobrimos como nossas experiências individuais e sociais se conectam na formação da subjetividade juvenil. Fazemos uma abordagem crítica reflexiva, compreendendo processos e mecanismos que moldam as identidades dos jovens e as visões de mundo ao seu redor e de si mesmos.

Ao perceber esses elementos que compõem a subjetividade, estaremos melhor preparados para decifrar as complexidades da experiência juvenil na contemporaneidade. Nos levando a refletir sobre como é ser jovem em um mundo em constante evolução, e sobre os desafios nesse caminho de autodescoberta e construção da identidade.

2.2 IDENTIDADE E AUTENTICIDADE

Em um mundo onde estamos expostos a diversos grupos sociais, somos afetados diretamente na nossa construção de identidade, seguindo normas e padrões impostas pela sociedade, impedindo jovens em formação no seu desenvolvimento da autenticidade.

E ao nos expormos tanto em busca de visibilidade e validação social pela cultura do narcisismo e superficialidade, nossa liberdade individual e subjetividade é ameaçada. Portanto de acordo com a filósofa e psicanalista Suely Rolnik (2006), para alcançar a nossa subjetividade temos que nos desvincular das expectativas externas, pressões sociais e culturais, nos permitindo expressar nossas singularidades e abraçar nossas individualidades únicas.

Um exemplo de como de acordo com o ambiente e a pressão está ligada diretamente em como agimos e moldando nossa autenticidade é o experimento de Stanford. Conduzido pelo psicólogo social Philip Zimbardo, para investigar o ambiente de poder entre guardas e prisioneiros, simulado com voluntários, teve o experimento interrompido em apenas 6 dias, que era antes planejado para 14 dias, pois os guardas tiveram um comportamento abusivos em relação aos prisioneiros¹. Portanto, podemos analisar como as dinâmicas sociais compromete a nossa autenticidade de acordo com as normas do grupo, demonstrando como o ambiente social nos leva a agir de maneira inautêntica.

Kurt Lewin fundamentou conceitos como a teoria de campo e a dinâmica de grupo, argumentando que o nosso comportamento é o resultado das pressões externas e internas interagindo para influenciar nossas ações moldando nosso comportamento e identidade. Onde o comportamento (C) é a função (F) da pessoa (P) e do ambiente (A), representado como $C=F(P, A)$. No experimento de Stanford o comportamento é levado ao extremo mostrando o ambiente social influenciando na autenticidade da pessoa (Beleza e Soares, 2019).

Destacaremos quatro teorias sobre o desenvolvimento da identidade relevantes para enriquecer entendimento. Para John Locke (O ensaio do entendimento humano, 1978), ele acredita que a mente humana é uma folha em branco, sem conhecimento ou habilidade e que

¹ Tal experimento foi divulgado na mídia como é possível consultar em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46417388>

adquirimos esse conhecimento conforme as experiências ao longo da vida, introduzindo a ideia da tábula rasa.

Usando o mesmo nome desse conceito no livro “tábula rasa” de Steven Pinker (2004), ele argumenta ao contrário de Locke, que não somos folhas em branco, mas que por natureza temos habilidades inatas, que nos permite aprender certas coisas com facilidades por meio da genética.

Já Lev Vygotsky (1998), no livro A formação social da mente, defende as interações sociais e a importância do contexto social e cultural, referindo-se a diferença entre o que uma criança pode fazer sozinha e o seu nível de desenvolvimento potencial que pode ser desenvolvido com a ajuda de um tutor. O autor chama a atenção para um aprendizado colaborativo e que a interação com adultos é essencial para seu desenvolvimento, esse conceito se chama de zona de desenvolvimento proximal/potencial.

Por outro lado, Jean Piaget em ‘A psicologia da inteligência’ (2013) enfatiza que a própria criança tem papel ativo no seu próprio desenvolvimento, argumentando que as crianças constroem o entendimento do seu mundo, atribuindo novas informações as já existentes e as acomodando, conforme as etapas do desenvolvimento:

- **Sensório-motor (0-2 anos):** Conhecimento do mundo através de sensações e ações.
- **Pré-operacional (2-7 anos):** Desenvolvimento da linguagem e pensamento simbólico, mas com limitações na lógica e na perspectiva dos outros.
- **Operacional concreto (7-11 anos):** Desenvolvimento do pensamento lógico e capacidade de resolver problemas concretos.
- **Operacional formal (12 anos em diante):** Capacidade de pensamento abstrato e raciocínio hipotético-dedutivo.

E entender a complexidade dos processos de formação pessoal é fundamental para saber como as normas sociais influenciam na subjetividade dos jovens.

2.3 LIBERDADE E ESCOLHA

Embora a sociedade e o indivíduo moderno tenham conquistado uma liberdade tanto política, tanto econômica, estamos cada vez mais condicionados a fugir de nossas escolhas, transferindo essa responsabilidade a terceiros e se conformando a padrões sociais. Perdendo a si mesmos, trazendo um sentimento de impotência e vazio, se alienando de si mesmo, dos outros e do mundo que o rodeia.

No livro “A sociedade do espetáculo”, (Debord, 1997) critica como a experiência de liberdade humana, vem sendo mercantilizada e que a forma que interagimos ao nosso redor vem sendo influenciada por narrativas produzidas pelas publicidades e as mídias, permeando em todos os aspectos da sociedade, não tendo uma experiência direta com realidade, pois estamos em uma imagem (narrativa) criada para nos alienar² e perder o contato com nossa iniciativa.

Portanto a liberdade do homem moderno é uma ilusão, vítimas da massificação, sem perceber que estão presos e sem iniciativas por medo da responsabilidade de escolher; Mas que inevitavelmente não podemos fugir, pois Sartre em (Existencialismo é um humanismo, 1987) O homem está condenado a ser livre, pois evitar a responsabilidade é em si uma escolha, não tendo a decisão ativa, o jovem pode acabar permitindo que circunstância externa decidam por elas, sendo assim uma forma de escolha, mas o que leva a sua inautenticidade.

"O homem é condenado a ser livre. Condenado, por que não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo é responsável por tudo que faz." (Sartre, Existencialismo é um humanismo, 1970, p.7).

Sartre traz uma perspectiva radical sobre a liberdade, onde escolha e ações são essenciais para construir sua identidade, com uma visão que envolve a rejeição das pressões sociais e afirmar a autonomia, tirar a culpa da sociedade ou da biologia pois somos os únicos responsáveis pela nossa identidade. Ressaltando que adquirir a autenticidade é reconhecer essa liberdade e a responsabilidade.

² Alienado é aquilo que não pertence a si mesmo, que em Latim era usada pra falar “o não eu”, tendo o conceito “alienação” criado por Hegel, referindo-se a aquilo que eu produzo mas não compreendo a razão. (Cortella, Por que fazemos o que fazemos? 2016)

Entretanto, os jovens ao se deparar com essa liberdade se vê numa “vertigem da liberdade”, onde no processo de construção de identidade, se veem numa angústia ao perceber que são os responsáveis pelo que vão se tornar, onde Sartre influencia em relação a formulação da frase que combina com essa angústia “o que é que eu vou fazer com essa tal liberdade?” como canta a música. (Raça negra, Essa tal liberdade)

2.4 ÉTICA E VALORES PESSOAIS

“Deus está morto e nós os matamos” Aforismo 125, (Nietzsche, A Gaia Ciência, 1882) faz uma metáfora a queda dos valores absolutos/universais, regidos pela religião e vem sendo perdidos na era moderna, jogando a responsabilidade a cada indivíduo ter a si mesmo a liberdade de criar seus próprios valores. Portanto cabe aos jovens procurarem nesse mundo sem regras preexistentes e navegando incertos, o dever de arranjar um sentido guiador para a sua vida.

“Deus morreu! Deus continua Morto! E fomos nós que o matamos! Como havendo de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possui de mais sagrado e mais poderoso até hoje sangrou sob nosso punhal - quem nos lavará desse sangue? Que água nos poderá purificar?”
(Nietzsche, Gaia Ciência, 1882, p.129)

A vida humana é extremamente vulnerável e devemos basear nossos valores em alguns ideais como justiça, bondade...Levinas em (Totalidade e Infinito, 1961), os valores devem ser criados para construir uma ética de bem-estar a todos. Os jovens podem perceber essas necessidades para atingir oportunidades para viver uma vida plena e digna diariamente, como ações comunitárias até as interações diárias. Construir uma base ética não só te ajuda a guiar seus comportamentos e decisões, mas também ajuda lhes dando um senso de propósito no mundo; desenvolvendo uma ética do coletivo.

Ao mesmo tempo que os jovens buscam seus valores individual, não significa que ele encontrará a sozinhos. uma ética que nasce de encontro com o outro, algo incondicional, antes de normas social e que não depende de reciprocidade. Reconhecendo a singularidade do outro, Levinas sugere uma formação de identidade influenciada por relações interpessoais, e que a subjetividade e valores dos jovens se constroem em reconhecer a alteridade (aceitar que existe

peças e culturas singulares e subjetivas que pensam, agem e entendem o mundo de suas próprias maneiras).

Trazendo a visão de Piaget, ele em seu livro “O julgamento moral da criança” (1994) ele identifica três estágios no desenvolvimento de moral da criança.

Tendo a Anomia (até os 5 anos); quando amoral não é uma preocupação, e as normas são seguidas por necessidade básica, a Heteronomia Moral (5-10 anos); onde nesse estágio as regras são vistas como imutáveis estabelecidas por autoridade, tende a moralidade baseada na obediência e no medo da consequência. E a Autonomia Moral (a partir dos 10 anos); com o desenvolvimento cognitivo e social, começam a entender que as regras são criadas por pessoas e podem ser modificadas através de consenso e cooperação. Considerando as intenções por trás das ações e não se deixa guiar mais pelas consequências.

Essa transição de estágios é essencial para a construção de valores dos jovens, desenvolvendo a capacidade de refletir, tornando-os capazes de criar seus próprios valores éticos. Trazendo uma ligação com Nietzsche de como se desenvolve essa capacidade de ter autonomia por seus próprios valores e de como é a partir da “autonomia moral” onde valores são construídos por consenso e cooperação.

3. CAPÍTULO 2: EXPLORANDO A SUBJETIVIDADE DOS JOVENS

"... Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois." (Camus, Mito de Sísifo, 1942, p.14)

3.1 SUPERANDO O ABSURDO

O conceito de “Absurdo” de Albert Camus em Mito de Sísifo (1942), o absurdo está presente em toda experiência humana, pois vivemos em um mundo sem sentido intrínseco. Os humanos têm a necessidade de compreender seu lugar no mundo e seu propósito de vida, porém o mundo não lhes dá uma resposta ou propósito, essa ausência de respostas e o desejo de respostas é o que Camus chama de absurdo.

Usando a mitologia de Sísifo, onde Sísifo foi condenado pelos deuses a rolar uma pedra para cima de uma montanha, e ao chegar próximo ao topo, a pedra rolava de volta para o começo, fazendo assim um ciclo interminável aparentemente sem sentido. Onde os jovens ao enfrentar os desafios de encontrar sua identidade, papel social e propósito, se deparam com o sentimento de absurdo ao perceberem que não será fácil atingir as respostas, que nem mesmas são garantidas.

As expectativas da sociedade, família, mídias e das próprias ambições, podem se frustrar com as incertezas do mundo, trazendo uma crise existencial entre os jovens que começam a se perguntar: “o que estou fazendo aqui”, “qual o sentido da minha vida”. Nesse período marcada pela transição da dependência infantil e familiar para sua autonomia, é uma fase de construção de identidade, escolhas importantes e intensas incertezas, descobrindo seu papel no mundo e enfrentando pressões internas e externas.

Essa incerteza pode fazer os jovens sentirem a vida caótica, dando uma sensação de alienação e o sentimento de absurdo. Mas diferente do niilismo que argumenta que a tentativa de buscar sentido na vida é fútil, o absurdo pode ser um ponto de partida.

Propondo uma “revolta” contra o absurdo, devemos aceitá-lo, que mesmo não tendo um propósito, devem buscar sentido por meio das próprias ações. Para os jovens a “revolta” pode ser transformadora. Ao entender que a vida não tem uma resposta, os jovens podem se libertar das expectativas de encontrar um único caminho para viver, ao invés disso, criar seus próprios valores

e significados com base em experiências e paixões. Essa revolta do absurdo se torna o ponto de partida para criar seu sentido pessoal e mostrar que não é o fim da linha. Camus sugere que devemos imaginar Sísifo feliz³, pois mesmo da aparente inutilidade de empurrar a pedra para cima da montanha repetida vezes, ele encontra significado em suas ações.

Os jovens podem encontrar a capacidade de viver autenticamente, buscando seus próprios interesses, definir seus próprios valores e desenvolver suas paixões, se separando da necessidade de depender de um sentido pré-determinado pela sociedade ou universo, sendo a revolta um ato de libertação.

3.2 ENCONTRO COM O PRÓPOSITO

Albert Camus propôs a revolta como um caminho, portanto, o próximo caminho é a criar um propósito⁴ além de só aceitar a falta de sentido, ligado às vivências, paixões e aspirações para construir um sentido para si.

Na obra “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração” (1946) de Viktor Frankl, argumenta que mesmo estando diante do sofrimento, falta de propósito, os indivíduos são capazes de criar sentido em suas ações, significando que mesmo não havendo um caminho pré-determinado, os jovens têm a liberdade de construir significados através de escolhas e experiências. Frankl coloca que o sentido pode ser descoberto em atividades como trabalho, relações humanas e aprendizagens, não se limitando a uma perspectiva passiva, mas sendo ativo na construção do seu propósito.

Introduzindo o conceito de logoterapia (conceito terapêutico, focada na busca por significado), Frankl argumenta que o desejo humano mais profundo não é o prazer, ou o poder, mas é buscar sentido na vida. Ele sugere que mesmo em sofrimento e dor, como ele experimentou nos campos de concentração nazista, temos a liberdade de escolher nossas atitudes

³ Sísifo ser feliz pode ser uma manifestação da revolta, sendo o própria luta contra a infinitude sem sentido, o significado

⁴ Propósito pode vim como conceito, significando “realização”, no sentido de realizar algo ou tornar algo real, fazer algo que para eles tem sentido e seja útil em suas vidas. (Cortella, Por que fazemos o que fazemos? 2016)

diante das adversidades da vida. Sendo que mesmo diante dos desafios e incertezas, os jovens têm o poder de dar significado, podendo ser catalisadores para uma busca mais profunda por propósito, assim como imaginamos Sisífo feliz empurrando a pedra, não esperando um sentido de fora, mas criar.

Encontro com o propósito é uma construção pessoal, trilhando seu caminho guiado por valores, experiências e interesses. Onde as gerações passadas, muitas das vezes, viam o propósito para ser alcançado de acordo com a perspectiva social, que já hoje tem mais liberdade de explorar diversas formas de alcançar o propósito e um sentido pessoal. O processo de construção está em constante fluidez e reconhecer que encontrar o sentido não precisa ser rígido, mas renova à medida de novos interesses e experiências, sendo também uma maneira de superar a busca de resposta definitivas e aceitar o crescimento constante e satisfação nas experiências.

Interesses que oferecem um senso de identidade e direção, pode ser hobbies, arte, esportes, entre outros...Mihaly Csikszentmihaly, trouxe um conceito de “Flow”, momento em que estamos imersos em uma atividade que venha a ser gratificante e fariam mesmo sem recompensa. Ao encontrar algo que lhes interessa, ajuda a criar uma identidade mais coesa e direcionada, engajar nessas paixões, encontra formas de superar as incertezas existenciais que muito enfrentam. Pois quando ao se envolver em atividades que fazem bem, podem construir seu sentido de vida diariamente e presentemente (Santos, 2024).

3.3 PROCESSOS DE SUBJETIVIDADE DOS JOVENS E SINGULARIDADE

Bourdieu em sua entrevista “A juventude é apenas uma palavra” (1993), fala que a juventude e velhice são uma construção social, disputada em toda a sociedade. Sendo assim a juventude não sendo uma fase natural, biológico ou de idade, mas que é construído por normas valores que vão variando com o tempo.

A sociedade impõe comportamentos, até um estilo de vida para os jovens adotarem, assim como as redes digitais vem também criando padrões, fazendo a juventude ser associada a certas atitudes e interesse, formando assim uma ideia de o que é o jovem. Ao se enquadrarem nessas expectativas, participa de uma identidade coletiva, que não necessariamente é sua singularidade, mas sim um produto da época ou cultura.

Guattari e Rolnik em *Micropolítica: Cartografias do desejo* (2005), faz a diferenciação em como a singularidade é aspecto único de cada individualidade, em constante transformação, enquanto a identidade é algo fixo, estruturado, formado ao longo do tempo de como são vistos e se veem.

A sociedade exerce uma enorme influência sobre os jovens, sendo tanto familiar, amigos, e as redes digitais, os jovens muitas das vezes se encontram em um desafio na busca da identidade, onde a pressão social os atrapalha, fazendo que se conformem com os padrões sociais e rótulos que são impostos. Isso acaba de certa forma impedindo e desencorajando os jovens de mostrar a singularidade que existe em cada um.

Os jovens querem se enquadrar a sociedade, construindo sua identidade em cima do desejo de pertencer a algo, como por exemplo, ter as mesmas opiniões, mesmo modo de se vestir, sendo moldados pelos outros. Mas devemos valorizar nossa singularidade continuamente, sem ficar preso as expectativas impostas pela sociedade, se baseando em criar nossa identidade em autodescobertas, experiências pessoais e interações sociais também, sem ficar presos as expectativas e os padrões que a sociedade impõe nos jovens.

As relações sociais podem servir para limitar sua singularidade única, escondendo suas paixões, interesses para se encaixarem nesses padrões. A singularidade vai sendo aos poucos escanteada e a autodescoberta suprimida, pois ser limitado a explorar seus interesses, não consegue construir sua identidade e sentido pessoal.

E as relações sociais podem ser boas também como dar apoio emocional, aprendizagens e a se desenvolverem por meio de trocas de experiências e conhecimento, podendo ser de grande ajuda nesse caminho para a formação da subjetividade. Equilibrar o processo de identidade e singularização, permiti a vida mais autônoma e livre, onde possa expressar sua individualidade que mesmo moldado pelas relações sociais, é também singular.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se inicia com a pergunta “Por que agem como agem?”, surgindo para compreender a complexidade e o que está por trás de determinadas atitudes que refletem suas necessidades individuais, indo além de só focar na fase da juventude, mas se aventurando pela construção da subjetividade dos jovens, passando por diversos fatores e mecanismos entrelaçados individualmente, culturalmente e socialmente.

Revelaram-se as diversas formas de desafios e processos em busca da subjetividade, como as pressões dos padrões sociais, e ao mesmo tempo a necessidade de priorizar a singularidade. Apesar de sermos livres, nossa liberdade constantemente é mediada por fatores externos, fazendo assim mudar nossas atitudes para se enquadrar nos papéis que são impostos pela sociedade, moldando nossa identidade e não tendo experiência direta com sua singularidade.

Portanto expressar sua singularidade, não só te liberta de todo o desejo de seguir expectativas, como também oferece a liberdade para criar seus próprios valores, fazer autodescobertas, encontrar seu propósito e criar mesmo sem sentido intrínseco do universo, podemos dar significados a nossas ações.

Dessa forma, observa-se que a subjetividade é um processo dinâmico, e que a singularidade expressa de cada um, contribui para a formação da identidade e como veem o mundo e a si mesmos, implicando nas suas ações e em ter uma vida autônoma.

Sugere-se que futuros estudos sejam realizados para aprofundar o conceito de interseccionalidade, enriquecendo e explorando as relações entre raça, gênero, classe, mostrando como essas influências podem moldar as percepções e os comportamentos juvenis. Contribuindo para entender as necessidades específicas de diferentes grupos de jovens, expandindo assim o conceito da subjetividade.

Espera-se que a pesquisa tenha deixado uma contribuição de uma visão atual sobre a juventude, ao passar por diversos teóricos e teorias com diferentes perspectivas que tenha sido possível ajudar na compreensão do comportamento dos jovens e até mesma na formação da sua subjetividade; incluindo liberdade, valores, a juventude como construção social, identidade e singularidade. Esse trabalho pode ajudar também as pessoas que exercem funções políticas e

educadores a terem um olhar mais atencioso às necessidades dos jovens e seu desenvolvimento e aos jovens, a entender que a subjetividade é algo dinâmico e assumir a responsabilidade da sua construção dia após dia.

5. REFERÊNCIAS

- BELEZA, C. M. F.; SOARES, S. M. A concepção de envelhecimento com base na teoria de campo de Kurt Lewin e a dinâmica de grupos. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 8, p. 3141–3146, ago. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. 1993. *Questões da sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero. P. 112-121.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- CORTELLA, Mario Sergio. *Por que fazemos o que fazemos?: Aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HAN, Byung-Chul. *A Sociedade da Transparência*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PIAGET, Jean. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.
- PIAGET, Jean. *A psicologia da inteligência*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PINKER, Steven. *Tábula Rasa: A Negação Contemporânea da Natureza Humana*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ROLNIK, Suely. *Toxicômanos de Identidade: Subjetividade em Tempo de Globalização*. São Paulo: N-1 Edições, 2006. ISBN: 8571051255.
- SALLES, Samuel; ROMÃO, Paulo. *Essa tal liberdade*. No álbum: *Raça Negra*, Volume 7. São Paulo: RGE, 1994. 4 min 50s.
- SANTOS, Lúcia Santaella. *Teoria do fluxo, pesquisa e aplicações*. *bOComCiência*. Disponível em: <https://www.comciencia.br/teoria-do-flow-pesquisa-e-aplicacoes/>. Acesso em: 20 out. 2024

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: vozes de bolso, 1970.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.